

COLUNA

HISTÓRIA DA ÁFRICA

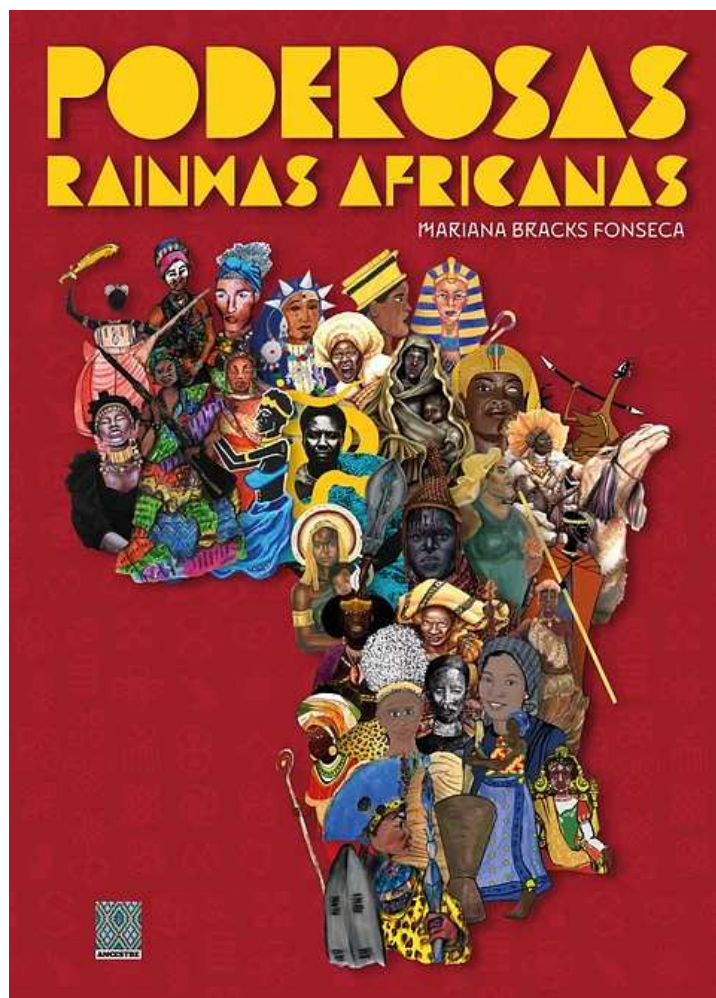
Mariana Bracks Fonseca

Por que precisamos conhecer histórias de mulheres africanas poderosas?

Em junho de 2020 iniciávamos em parceria com a revista África e Africanidades o curso *Poderosas Rainhas Africanas*. Quando todo mundo buscava se reinventar com a pandemia, este curso foi minha medicina. Não apenas porque o conteúdo é altamente transformador, prazeroso e nutritivo, mas principalmente porque foi uma oportunidade de entender o quão a História da África é importante para a sociedade brasileira.

Atendemos no total 355 pessoas, dentre as quais 238 foram bolsistas integrais ou parciais. Vieram mães-de-santo, lideranças quilombolas, professoras, ativistas culturais, mestras de capoeira...! Pessoas de todas as regiões do Brasil e também de Angola, Senegal, Camarões. Tantas trocas profundas que deixaram inequívoco duas coisas: as histórias de mulheres africanas poderosas são altamente desconhecidas pela sociedade brasileira e conhecê-las modifica a percepção que se tem dos “lugares sociais” ocupados pelas mulheres negras na História.

Nosso objetivo foi extravasar os muros da academia e trazer para o público amplo os conceitos de matriarcado (Cheikh Anta Diop), unidade matricêntrica (Amadiume) e matricentricidade (Oyewumi), percebendo-os nas organizações sociais africanas na longa duração, a partir da trajetória de Makeda de Sabá, Kandaces de Kush, Amina de Zária e Njinga de Angola.



Discutimos a importância da mulher nas constituições políticas da África e suas alterações ao longo dos séculos. Foi uma oportunidade excelente para dialogarmos sobre poder feminino e perceber a importância da História da África para a população afro-brasileira, para a reconexão com as trajetórias destas ancestrais e reconhecer a Mulher Preta como detentora de todo o poder. Poder de gerar a vida, produzir riquezas, gerenciar negócios, comandar exércitos, lutar como a mais temida guerreira, responder por todo um Estado.

As mulheres ocuparam importantes espaços de poder desde os primórdios da Humanidade. Desde Hatshepsut, apresentada como a primeira Faraó feminina em KMT (Egito Antigo) que governou no século XV A.C, as mulheres exercem o poder de comando na África. Como regentes ou rainhas-mães, elas sempre influenciaram as decisões políticas, as escolhas dos governantes, as relações exteriores.

Várias instituições de “rainhas-mães” existiram por diversas regiões do continente. O título KDK/ KDT, latinizado como Candace, era dado às mães e às irmãs dos soberanos do Império de Kush, que compunham as mais altas esferas do poder. Podemos encontrar correspondências dessa forma de organização política em que as mulheres da realeza ocupam posições centrais na vida pública em várias sociedades africanas: *Iyoba* entre o povo Edo, *Asantehemaa* entre os Ashante, *Ndlovukazi* em eSwazi, *Kpojito* entre os Fon, *Iyalode* para os Yorubá, *Magira* no Kanem-Bornu, *Nafoyn* entre os Kom, *Nnamasole* em Uganda.

É preciso aprender a História da África a partir do protagonismo feminino. Perceber as mulheres africanas como agentes ativos da História, com poder e autoridade. Nas sociedades pré-coloniais eram elas que dirigiam os mercados, que controlavam a riqueza, definiam os casamentos, conduziam os ritos de passagem.

A capacidade feminina de se comunicar com a natureza, conhecer os segredos da Terra, fertilizar, garantia prestígio social. Através do poder espiritual, muitas ascenderam ao poder político, como foi o caso de Aline Sitoè Diatta, do povo Diola de Casamance que recebeu instruções para realizar o rito para fazer chover; Muhumusa, da região de Ruanda-Uganda que recebeu o espírito *Nyabingi* para libertar seu povo da opressão; Charwe Nyakasikana, do povo Shona que assumiu o espírito feminino da fertilidade e da chuva *Nehanda* e lutou contra a colonização no Zimbabué. Esse poder feminino é reverenciado até hoje em algumas sociedades, como no Lipopo, na África do Sul, onde aguarda-se que uma mulher assuma o título *Modadji*, “rainha da chuva”, para assegurar o equilíbrio climático e a prosperidade na Terra.

É preciso perceber a força da mulher também no espaço militar. Em Kush, Kandace Amanishaketo comandou um poderoso exército que derrotou o Império Romano na virada dos milênios, tendo ela mesma o olho perfurado em batalha. Njinga Mbandi, já famosa por ser uma brava guerreira e estrategista militar que até nos seus oitenta anos demonstrava suas habilidades com as armas e com o corpo preparado para a luta. Amina de Zária comandava a cavalaria e expandiu os domínios Haussá para sua maior extensão da história. O exército feminino

Ahosi do Daomé era composto pelas mais temidas guerreiras do planeta, reputadas como mulheres muito mais fortes, rápidas e eficazes que os homens nas guerras, demonstraram seu valor contra os franceses que registraram impressionados com tamanha valentia. Assim como centenas de mulheres pegaram em armas nas lutas contra a colonização, como é nítido em Moçambique, Guiné-Bissau, Kênia.

Quem construiu a ideia de mulher como sexo frágil? Certamente não conheceu a história da África. No continente-mãe, as mulheres lutavam sim, ainda lutam, como se pode ver entre os Diola, onde a luta tradicional é ensinada a meninas e meninos- sem distinção- desde a mais tenra idade.

Precisamos também conhecer as organizações de mulheres enquanto instâncias de organização do trabalho, de distribuição de tarefas e de renda, de gestão coletiva das questões relevantes aos interesses públicos. Na sociedade Nnobi, subgrupo Igbo, há associações de mulheres que, além de articular o trabalho comunitário, tinham vários mecanismos de colaboração para evitar violências domésticas e garantir os direitos femininos, como greves coletivas, em que todas podiam se recusar a cozinhar ou a fazer sexo com seus maridos até que determinada demanda fosse cumprida, ou humilhações públicas a um

Bibi Titi Mohamed organizou o ***Umoja wa Wanawake wa Tanzania*** (UWT, união das mulheres da Tanzânia), pois sabia que as mulheres unidas era o caminho que levaria a consciência social necessária para a descolonização. Cheikh Anta Diop observou bem como as mulheres tinham suas assembleias, com suas próprias pautas relacionadas à ordem social, questões de fertilidade e relações sociais. Olhando para este modelo ele chegou a propor o modelo bicameral (uma câmara de homens e outra de mulheres) para a constituição do Estado Federado por acreditar que este fundamento vinha do Antigo KMT e trazia a concepção de equilíbrio e complementariedade.

Temos muito a aprender com as histórias destas poderosas mulheres. Mais do que acessar a um passado surpreendente, estas trajetórias nos indicam caminhos de resistência, de enfrentamento, de ação coletiva organizada orientada em sintonia com as forças na natureza.

Pensando na importância deste tema circular pelo Brasil, a editora Ancestre está publicando o livro-arte *Poderosas Rainhas Africanas*. Concebido como material paradidático, para chegar nos espaços educativos formais e não-formais, este livro traz profundas pesquisas históricas em uma linguagem envolvente, com muita arte, iconografias, músicas, poemas, elementos das danças, dos ritos. Conta a vida de 30 mulheres que transformaram a história de suas sociedades e por isso são chamadas “rainhas”, apesar de concordarmos que o termo em português é muito limitado e não dá conta de expressar o poder que essas mulheres de fato exerceram. Mais do que biografias, o livro mostra como cada sociedade africana expressa a importância do feminino, traz mitos, provérbios, rituais, instituições que evidenciam a centralidade da mulher.

As ilustrações inéditas e exclusivas foram desenvolvidas por 20 artistas do Brasil, Angola e Camarões - em sua maioria mulheres negras. As artes

comunicam as belezas das mulheres negras, seus símbolos de poder, vestimentas e adereços. Além das artes exclusivas produzidas a partir de descrições históricas, o livro *Poderosas Rainhas Africanas* traz imagens de esculturas, monumentos, danças, letras de músicas, entendidas como instrumentos de comunicação de realidades históricas. O resultado é um material bonito e cativante, que traz a pesquisa acadêmica de forma atraente para o ensino de História da África.

O livro-arte *Poderosas Rainhas Africanas* oferece um passeio pela história da África, desde a Antiguidade até o presente, passando por todas as regiões do continente, para comprovar que as mulheres pretas sempre estiveram no comando!

Ao adquirir o livro, você contribui com a distribuição gratuita de exemplares para quilombos, terreiros, bibliotecas públicas, comunidades periféricas e fortalece o empreendedorismo feminino coletivo da Ancestre. Saiba mais em www.ancestreeditora.com

Para saber mais:

AMADIUME, Ifi. **Male daughters, female husbands**. London: Palgrave Macmillan, 1987.

AMADIUME, Ifi. **Reinventing Africa: matriachy, religion and culture**. London: Zed Book, 1997

COQUERY-VIDROVITCH, Catherine. **African Women: a Modern History**. Westview Press: 1997

DIOP, Cheikh Anta. **Unidade Cultural da África Negra: esferas do patriarcado e do matriarcado na Antiguidade Clássica**. Luanda: Edições Mulemba da Universidade Agostinho Neto, 2014

DIOP, Cheikh Anta. **Les fondements économiques et culturels d'un État fédéral d'Afrique Noire**. Paris: Présence Africaine, 2000 .

FALOLA, Toyin; FWATSHAK, S.U. **Beyond Tradition: African Women and Cultural Spaces**. Trenton: Africa World Press, 2011. Pp.70-72.

LIHAMBÁ, A.; MOYO, F; MULOKOZI, M.M.; SHITEMI, Naomi; YAHIA-OTHMAN, S. (ED.) **Women Writing Africa**. Vol. 3: The Eastern Region. New York: The Feminist Press at the City University of New York, 2007

OYĒWÙMÍ, Oyèrónké. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. Tradução para uso didático de Juliana Araújo Lopes. **CODESRIA Gender Series**. Volume 1, Dakar, CODESRIA, 2004, p. 1-8

OYĒWÙMÍ, Oyèrónké. **The Inventios of Women: making an African Sense of Western Gender Discourses**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997.

SUTHERLAND-ADDY, Esi; DIAW, Aminata. **Women Writing Africa**. Vol. 2: West Africa and the Sahel. New York: The Feminist Press at the City University of New York, 2005



Mariana Bracks Fonseca é professora de História da África na Universidade Federal de Sergipe. Mestre e Doutora pela USP, com estágio pós-doutoral na UFMG, onde desenvolveu pesquisa que originou o livro *Poderosas Rainhas Africanas*. É autora dos livros *Nzinga Mbandi e as guerras de resistência em Angola* (Mazza, 2015), *Ginga de Angola: memórias e representações da rainha guerreira na diáspora* (Brazil Publising, 2019) e do livro em quadrinhos *Rainha Ginga: Guerreira de Angola* (Ancestre, 2016). O caderno pedagógico *Rainha Ginga nas escolas* está disponível gratuitamente mediante inscrição no site www.ancestreeditora.com.